

1997

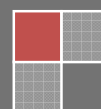
Carta do terreno

Ethnologia, n.s., 6-8: 213-216

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

1997



Carta do terreno

Miguel Vale de Almeida

Ilhéus, 10 de Novembro de 1997

Querida Mia,

Assim mesmo, «querida» e «Mia». Quando me pediste que escrevesse uma letter from the field para a Ethnologia (adoro o th), o primeiro problema que se me colocou foi a quem dirigir a carta. Não se escrevem cartas para ninguém, assim como não se enviam cartas sem endereço. A não ser, claro, mensagens dentro de garrafas, mas para tal é necessário estarmos numa ilha deserta. E não é de todo o caso. Aliás, o caso nem está bem explicado: fui eu, e não tu, quem sugeriu uma carta do terreno (já me antecipava, então, preguiçoso demais para escrever um artigo). Mas, como «cada qual faz a cama em que dorme», como diz o povo (mas que povo? quem é esse fulano, o povo? e os ricos, fazem a cama em que dormem?), compete-me desembrulhar-me - dos maus lençóis.

Endereço, pois, a carta a ti, porque não consigo escrever uma carta para quem não conheço. Um artigo sim, escreve-se para quem não se conhece (a maior parte das vezes para ninguém); o mesmo se aplica a uma crónica, um conto, um romance até. Mas uma carta ... E, no entanto (oh perversão!), sei perfeitamente que estou a fazer um exercício de retórica; a carta vai ser lida pelos leitores da revista e, como tal, eles acabam por ser também os destinatários. Nem sequer voyeurs da nossa correspondência podem ser - tudo o que eu aqui escreva já os contempla como possíveis leitores, esses desconhecidos. Olá desconhecidos. Prazer.

Perguntas-te, Mia - perguntam-se vocês, caros desconhecidos -, que me aconteceu para encher dois parágrafos inteiros com jogos barrocos em torno da noção de emissor e receptor. Estará ele (isto é, eu) a fazer palha? Bebeu uns goles de cachaça a mais? Está a gozar connosco? Está a esconder alguma coisa? Ou vai-nos surpreender com um volte-face final? (Escolho a última hipótese, é a mais gloriosa. Mas duvido que seja capaz.) A verdade é bem mais simples: o terreno a tanto obriga. O terreno no duplo sentido: o local onde estou (ou os locais onde estou, já que a minha alma nem sempre está aqui); e o terreno como trabalho, no sentido etno-chique que gostamos de dar à expressão «fiz terreno em»).

Começamos pelo primeiro significado, como convém. Onde estou eu? Uma abordagem bem racionalista diria, sem margem para dúvidas (melhor: sem querer reconhecer as dúvidas) que estou em Ilhéus, uma cidade do estado brasileiro da Bahia. Esta descrição compósita, tão própria da nossa maneira usual de ordenar o mundo, acaba por meter no mesmo saco coisas bem diferentes: a casa onde estou, os locais onde me desloco para encontrar pessoas, os «ónibus» em que me desloco, ou os sentidos diversos que podem ter os elementos daquela frase quando decompostos: Ilhéus; Bahia; Brasil. Mas eu estou também no extremo oposto daqui. Normalmente dizemos que estamos «em espírito» quando nos queremos referir a «isso». O «isso», evidentemente, são os sentimentos que nutrimos pelo lugar de origem, o lugar da vida normal, que se institui como normal no justo momento em que nos encontramos no ... anormal, isto é, o terreno. E esse lugar da normalidade é aí (a própria carta une os dois extremos e é essa, sempre, a magia simples das cartas). Esse aí - Portugal, ou Lisboa, ou a minha casa ou o corpo de quem eu amo - está comigo, sob a forma de raivas e saudades, alívios pelo afastamento e fantasias empoadas sobre as virtudes do lugar, memórias do passado e projecções de recomeço aquando do repatriamento. (Tudo isto parece tão simples, mas nunca falamos disto, não é?)

Muitos outros lugares constituem o terreno. Quando me confronto com a história (de Ilhéus, da Bahia, do Brasil), aparecem esses outros países, feitos com as fronteiras e os mapas do tempo. Quando essa história inclui necessariamente Portugal, de repente são vários lugares-tempos que se misturam. Quando começo a pensar «à antropólogo» (isto é, quando reajo à crescente tendência para me «abaianar» e me esforço por raciocinar) os autores, as referências, as monografias, os conhecimentos, tudo me transporta para outros lugares: Cambridge-on-the-Tropics, Sorbonne-sur-Mer e outros lugares fantásticos.

Os meus informantes sabem todas estas coisas. Outro dia conheci o Martim. O Martim parece uma mulher mas não é. Claro que tem as formas redondas de uma mulher de meia idade, claro que veste uma saia comprida, mas não é «aquela» mulher. É uma criatura alegre, simpática, mas também sarcástica: fuma loucamente, bebe idem, e abana o seu corpo debaixo do chapéu de comandante que tem escrito «Royal Navy». Delira com o som dos atabaques, manda os ogãs mudarem de ritmo, obriga as iaôs a fornecerem-lhe ainda mais tabaco, ainda mais cerveja. Abençoa-me, com as suas palavras e o seu bafo a

álcool. Confessa-me que não gosta de estar naquele corpo de mulher, mulher que nunca toca em tabaco ou cerveja. Martim vai-se embora, prometendo voltar um dia. Em seu lugar fica a mulher de meia idade. Sem sinais de alcoolémia, como poderia comprovar um agente da Brigada de Trânsito portuguesa. A mulher de meia idade chama-se Mãezinha, dirige aquele terreiro de candomblé e nunca escapa à descida de Martim, que adora aparecer no final das festas para aliviar os ânimos com a sua ginga de marinheiro. Repara, Mia, reparem, desconhecidos: o Martim (ou o Corto Maltese?) é um homem dos barcos, dos trânsitos, da rota transatlântica. Mãezinha e as suas iaôs são cavalos de entidades africanas, de entidades caboclas, de marinheiros dos tempos em que o porto de Ilhéus exportava o cacau para o mundo, antes da praga da vassoura-de-bruxa, a antítese de Gabriela que Jorge Amado não chegou a registar. Onde está, então, Mãezinha? Não sei. Até porque nem sempre é Mãezinha, às vezes é Martim. Mas eu acho que sei onde está/estão, embora o meu achamento não seja muito ortodoxo: eu acho que está/estão aqui, em Angola, na Nigéria, no mato brasileiro, na pobreza da cidade, em Portugal, no navio negreiro, na televisão, no ontem, no hoje, e na minha cabeça. Sobre isto mais não digo, sob pena de Martim descer em mim e a carta ganhar outro autor («antes assim fosse», pensam vocês, caros desconhecidos).

E terminemos com o segundo significado de terreno. De mim não vais (não vão) ouvir aquelas histórias iniciáticas, argonáuticas. O velho e gasto mito que uma profissão inventou para si mesma de modo a estar em sintonia com alguns dogmas da vida moderna no Ocidente: o sacrifício, a provação, o trabalho, um estar-fora-do-mundo, para a ele se voltar legitimado pela gesta. Como diz o povo, «para esse peditório já dei», quando me preocupei demais com a formalidade da coisa-terreno (quantos dias, quantos meses, quantas entrevistas, quantas genealogias até acabar, até atingir as metas do plano quinquenal da produção de (re)conhecimento, do retiro espiritual, do cursilho de cientificidade, se não através da «obtenção» de uma doença exótica, pelo menos através de um hiato de existência social e afectiva no local de origem). Quando me preocupei de menos com o que verdadeiramente conta.

E o que conta verdadeiramente, querida Mia, queridos desconhecidos feitos confidentes à força? Verdade, verdade, ainda estou a descobrir e lá espero chegar antes das comemorações dos 500 anos. Talvez conte, a título de exemplo, ter percebido que uma coisa é Mãezinha e outra Martim, em vez de pensar que Mãezinha é uma «esquizofrénica auto-hipnotizada por uma imagem arquetípica», ou uma «performer, personagem de um guião colectivamente partilhado» ou, na hipótese mais cruelmente simpática, alguém que está «evada de crença e perante isso de crença, meus caros, nós suspendemos a démarche antropológica e apenas buscamos perceber o seu funcionamento sistémico e as suas ramificações contextuais». (Please, spare me the sordid details!)

Conta, talvez, ainda outra coisa. Alguma vez te contei, Mia (a vocês, desconhecidos-cada-vez-menos, de certeza não contei), como fui/vim parar à antropologia? Foi assim. Tinha voltado de um ano de intercâmbio nos Estados Unidos. Concorri para o curso de História. Fui parar a Coimbra. Passei lá os piores dois meses da minha vida: ia e vinha da casa de férias dos meus avós na Figueira, onde o vento uivava húmido e a solidão cheirava a bolor. Em Coimbra havia umas amibas incompetentes que liam das sebentas (vem de sebo, com certeza) para centenas de nós (na garganta, com certeza). Fora das aulas, era perseguido por uma controleira do Partidão, do qual me tinha afastado. Queria certamente que eu voltasse para o redil da outra sebenta. Ainda consegui transferência para Lisboa, mas desesperei com os nomes que desrespeitosamente atribuíam aos nossos antepassados, nomes doentios como Pitecantropo ou Homo erectus (se bem que este ...). Desisti. No Verão voltei aos States, para dar uma descansada (fica bem, o brasileiro, dá cor local). Afogado em spleen, modorra, dengo, morriña, enfim, ensimesmamentos tardo-adolescentes, arrasto-me até à biblioteca pública. Encontro um livro. Era um livro de cartas, cartas de uma antropóloga, escritas de ilhas longínquas, para familiares, amigos, colegas - até para o orientador, imagine-se! Devorei aqueles fragmentos de experiência; uma experiência que estava umbilicalmente ligada à Experiência dos Outros (Martim rir-se-ia desta expressão tonta, tosca, imprecisa, fácil) com quem ela convivia. E não é que isso transformava subitamente a minha experiência, isto é, se tornava Experiência? Era vida pura: conhecimento e emoção não se destrinçavam, aqui e lá também não, eu e outro tão-pouco. Era essa ciência e vivência, essa viviência a que outros chamam poesia que eu queria fazer.

Claro que, mais tarde, percebi que a autora do livro não fazia justiça à minha expectativa pueril. Mas tinha-me inseminado de vontade. Estou a dar asas a essa vontade, «aqui», a contrapelo do pensamento domesticado dos cursos e da academia e dos congressos, mas também tentando salvar (no sentido inglês, retirando dos destroços de um naufrágio) o que de bom nos ensinaram pessoas como essa autora, sem saberem que o faziam e desprezando esse lado na sua «obra». E estou a fazê-lo agora, quando nada nem ninguém me obrigava a «fazer terreno». («Outra vez? P'ra quê?», perguntou alguém que, obviamente, não conhece o Martim.)

Um abraço amigo do Miguel (Vale de Almeida)

P. 5.: *Já me esquecia: o livro a que me refiro é Letters from the Field, de - imagine-se! - Margaret Mead.*